



Trajetórias e perspectivas da comunidade de Relações Internacionais no Brasil

Antonio Carlos Lessa¹ • 10/11/2014

Resumo

Esta palestra refere-se à comunidade acadêmica de Relações Internacionais no Brasil, na contemporaneidade. Abordando como ela tem crescido, como ela tem se modificado frente aos desafios atuais e quais são as perspectivas, dos dias correntes, no estudo de política internacional. Esta palestra é recomendada aos graduandos e pós-graduandos de Relações Internacionais, bem como suas áreas afins.

Palavras-Chaves: Política Internacional; Relações Internacionais; academias no Brasil.

Abstract

This lecture is referent to the Brazilian academic International Relations, in nowadays. Showing how they grow, how they transform yourself in the contemporary challenge and which is the perspective in the study of international politics in this days. This lecture is advised to undergraduate and professors of International Relations, as well subfields.

Key-words: International Politics; International Relations; academics in Brazil.

¹ Antônio Carlos Lessa é professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB). Desde novembro de 2011 é o Coordenador de Pós-Graduação em Relações Internacionais (Mestrado e Doutorado) da Universidade de Brasília, onde também coordenou o Curso de Especialização em Relações Internacionais (1999-2011).

A conversa de hoje é relacionada ao que é a área de Relações Internacionais no Brasil. Como ela tem crescido, como ela tem se modificado frente aos desafios atuais, bem como as perspectivas contemporâneas no estudo de política internacional. É uma conversa que interessa aos professores, aos pesquisadores, mas especialmente aos estudantes de graduação.

Essa agenda não está distante dos graduandos. A dificuldade de financiamento de pesquisa, de organização de eventos e de publicações está diretamente relacionada aos desafios que iremos tratar. Esta conversa gera um impacto direto na vida dos universitários de Relações Internacionais. Vou fazer um histórico rápido da área no Brasil.

Tivemos uma expansão extraordinária, quase vertiginosa, e muitos de vocês acompanham isso por meio de eventos como o ENERI, a ABRI e outros encontros científicos de alto nível. O ENERI é um exemplo de evento realizado anualmente. Sempre temos notícias do crescimento da área no país. A área foi institucionalizada em 1974 com a criação do curso de RI da UnB. Neste ano (2014) nós começamos a criar atividades na UnB de comemoração do quadragésimo ano do programa, bem como do aniversário da institucionalização da área no Brasil.

Até a década de 1990, este foi basicamente o único curso de graduação que existiu na área de Relações Internacionais. Na década de 1980, especificamente em 1984, foram criados os dois primeiros mestrados, na UnB e na PUC Rio. Esses dois mestrados eram as duas experiências institucionalizadas de pós-graduação até pouco tempo atrás. Na década de 1990 vimos um grande crescimento, sobretudo nas universidades particulares. Pela ordem, a primeira grande

experiência veio com a PUC SP e depois com a PUC Minas. É apenas a partir de 1997/98 que se pode afirmar a existência de uma explosão, um tanto desorganizada, no que se refere à experiência de cursos de RI por todo o Brasil, especialmente em São Paulo e no Sul.

Pelo resto do Brasil esta explosão aconteceu de forma muito fraca. Um ou dois cursos na Bahia; um em Pernambuco; e um em Fortaleza. No final da década de 1990 e em meados de 2000, esse ambiente cresceu, ao ponto que podemos identificar 130 cursos de graduação em RI no Brasil. De lá pra cá, desde a década de 2000 podemos ver um refluxo. É uma tendência interessante que volto daqui a pouco. A saber, o fechamento de cursos de RI.

Atualmente, pelos últimos dados do INEP, eram 130 cursos em andamento. Quando falamos nesses cursos não falamos apenas da PUC Minas, que tem uma estrutura extraordinária de professores e de alunos. Falamos de instituições pequenas, em que a instituição toda comporta 250 alunos e o curso de RI nunca passou de 30 alunos em sua totalidade. É o que vemos nos últimos anos, quando os professores passam pelo processo de avaliação do MEC. É uma experiência triste ver instituições que tem 10, 15, se muito 30 alunos de RI.

Em 2002 foram criados os primeiros cursos de Doutorado na UnB e na PUC Rio. A criação do Doutorado é uma experiência importante para uma área do conhecimento. Em primeiro lugar é sintoma da maturidade e do amadurecimento da academia, especialmente da sua capacidade de formação de quadros em alto nível. Já o Mestrado pode ser considerado uma etapa importante na formação de professores e pesquisadores em alto nível.

De 2002 para cá, depois das primeiras experiências, temos seis cursos de Doutorado. Os dados agora foram feitos pelo IPRI, que fez um trabalho muito bem feito. É um levantamento exaustivo, em relação aos trabalhos *taggeados* na área de RI desde a década de 1970. Então, de acordo com o levantamento, até o final de 2013 havia mais de 2500 trabalhos, entre dissertações e teses, defendidos em diferentes instâncias.

Por que o primeiro mestrado foi criado no ano de 1973 e não em 1984? Por que se contou aqui os trabalhos defendidos no curso de Altos Estudos do MRE, curso que o Rio Branco mantém desde 1973 com a finalidade de verificar as condições de promoção dos conselheiros da carreira diplomática, bem como para ministros de carreiras de segunda classe. O CAD produziu um número extraordinário de teses, algumas boas e outras muito ruins, mas que compõe um número grande de defesas no Brasil.

O que podemos ver nesse universo de 2500 trabalhos é a característica multidisciplinar que compõe os programas de RI, mas também disciplinas irmãs, como é o caso da Ciência Política, da História, da Economia e mesmo da Antropologia. Portanto, a partir de 1975, temos programas já consolidados, como é o caso da USP, na área de Sociologia, com dissertações de Mestrado, sobretudo na área de RI.

O dado exposto acima diz muito sobre o que tem sido as preocupações das pesquisas e reflexões da nossa comunidade. Um estudo feito em 2002, sobretudo com relação à Pós-Graduação, apresenta que aproximadamente 40% das defesas abordam a temática de Economia e de Política Internacional. O restante dos estudos incorpora temas como: Comércio e Economia com 20%; Integração Regional com 20%; Segurança e Defesa com 25% e, surpreendentemente, as Teorias de RI com 10%.

Esse é um traço interessante da evolução das comunidades de RI, pelo menos nos países periféricos. Esses países fazem estudos de Política Externa, o que faz com que essas comunidades nas primeiras décadas tenham feições paroquianas, mas como os críticos dizem, preocupações paroquianas são preocupações voltadas, na maioria das vezes, à capacitação dos agentes de política externa. É um traço normal, no Brasil não estamos fora da curva. Mas, o que é interessante é que esse quadro tem mudado rapidamente.

Há uma diminuição proporcional de trabalhos de PEB, o que se deve tanto ao crescimento dos cursos de Pós-Graduação e dos cursos de Graduação em condições de consolidação, ou, consolidados. Um exemplo são os cursos oferecidos por grandes universidades, como aqui na PUC Minas. Deste modo, o crescimento dessa *intelligentsia* tem levado ao desdobramento e sofisticação da agenda de pesquisa.

Este é um levantamento que eu mesmo fiz em torno das áreas emergentes, em Teses e Dissertações defendidas nos programas de Pós-Graduações e nas grandes revistas de RI. Também juntei os projetos aprovados pelas agências de fomento, como a CAPES e o CNPq. A conclusão é que há uma área de emergência que vem despontando, no sentido da diversificação desse novo quadro, bem como percebemos as tendências para o crescimento no futuro das RI. O campo emergente são os Estudos de Área.

Os Estudos de Área demonstram um crescimento importante, sendo peças fundamentais para que se responda a alguns críticos do campo de RI. Com isto em mente, acredita-se que os Estudos de Área são os fatores modernizantes dos estudos de Relações Internacionais.

Os Estudos de Área são estudos voltados para segmentos como a Ásia e América Latina, por exemplo. Mas numa perspectiva diferente se comparada à dos anos 1980. Sua característica é marcada por uma busca pelos padrões de transição democráticos, pela formulação da política externa e pelos padrões de relacionamento bilateral. Contudo, outros pontos também são levados em consideração como: os relacionados ao Desenvolvimento e a Política Externa; Regimes Políticos e Política Externa; impactos da evolução de quadros políticos na evolução do quadro estratégico. Especialmente no quadro de Segurança, há uma inserção da região no plano global e, especialmente, o renascimento dos estudos sobre África. O que é boa notícia, pois a África nunca foi moda e não é moda atualmente.

Deste modo, há um crescimento importante dos estudos referentes à África nos dias atuais. Esse ponto se comunica com outros temas como as políticas de Cooperação e os mecanismos de Cooperação para Desenvolvimento. Devemos lembrar que também há mudanças nos estudos de Política Internacional.

Na Política Internacional, nos últimos cinco anos, os estudos relacionados à relação Sul-Sul ganharam força em Dissertações, Teses e artigos científicos, tanto no Brasil como no exterior. Hoje o termo Sul Global entrou no nosso jargão de estudantes e até de não iniciados. Portanto, temos a agenda que se relaciona com os países emergentes e com os países do norte. Esta é composta de elementos como os padrões de conflito, comércio e desenvolvimento.

Nessa agenda, o termo mágico, BRICS, ou BRICS Plus, tem entrado como preocupação de pesquisa e reflexão da comunidade. Contudo, os BRICS não são os únicos elementos que compõem a nova temática das Relações Internacionais. Existiam estudos sobre Cooperação para o

Desenvolvimento, mas estes tinham uma linguagem muito técnica se relacionados aos desdobramentos dos projetos de Cooperação. Hoje há uma sofisticação na agenda que ultrapassa essa reflexão, essencialmente técnica, para situar a cooperação como mecanismo importante de relacionamento do Brasil com a África e do Brasil com a América Latina.

O posicionamento do Brasil encontra-se como um vetor intermediário nas estratégias de adaptação dos países ricos para os países em desenvolvimento. Um tema que é emergente na agenda de Política Internacional são os Desafios Planetários. Estes são compreendidos como uma expressão indefinida, mas sinteticamente se relaciona ao meio ambiente em geral, como: o Aquecimento Global; os Mecanismos de Desenvolvimento Limpo; a Economia Verde e a Descarbonização.

Esta é uma área que tem crescido muito na produção de Teses e também inserções de revistas de alto nível no Brasil e no Exterior. Na agenda de Política Externa há uma sofisticação e abandono de descrições de padrões de comportamento, que é algo muito caro aos historiadores, mas muito pouco afeita aos cientistas políticos. É uma evolução consistente do tratamento instrumental teórico e analítico mais focado no que chamamos de Análise de Política Externa. Essa tendência é retomada com força nos últimos dez anos, fomentado pela CAPES e pelo CNPq, principalmente nos estudos de Segurança e de Defesa. Junto com os Estudos de Área, a Agenda Planetária é uma das áreas que tem mais potencial de crescimento nos próximos anos.

Na trajetória de evolução da comunidade nos últimos anos, enquanto temos problemas no ensino de Graduação, vemos na agenda de pesquisa da Pós-Graduação exatamente o contrário.

Há dezessete cursos de Doutorado em Ciência Política ou RI. Este é um dado interessante, pois muitos doutorados em Ciência Política aceitam projetos de RI e mantêm linhas de pesquisa nesta área. Dentre os trinta e oito Programas de Relações Internacionais, apenas dezoito são Programas de Pós-Graduação. Este é um número a ser comemorado, mas é necessário atenção.

Desses dezoito Programas de Pós-Graduação, há três profissionais. Deve-se também destacar a marca extraordinária de seis doutorados bem avaliados pela última avaliação da CAPES, todos acima da marca quatro.

Dentre os programas citados cima, não há nenhum que tangencie o risco de descrédito. Os discentes e os docentes destes programas se encontram em eventos como a Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI). Uma marca importante da ABRI é o apoio da PUC Minas, com quem tivemos encontros de pesquisa, preocupando-nos com a existência de uma associação científica pulsante na área. No último encontro tivemos a participação de seiscentos integrantes. Esta é uma marca verdadeiramente extraordinária, pois os participantes eram os pesquisadores da Graduação e da Pós-Graduação.

Contudo, nos estudos avançados, como é o caso do Doutorado, há uma sofisticação peculiar, posto que estes podem influenciar a criação de outros trabalhos. Há, por exemplo, um doutorado que produziu 24 teses de RI. Apesar disso, uma grande parte dos seis cursos de Doutorado em RI, no Brasil, ainda não produziram teses. Este é o caso da PUC Minas, que terá sua primeira tese de Doutorado em 2016. A grande maioria das teses são produzidas hoje na PUC Rio e na UnB.

A participação de professores, alunos de pós-graduação e, às vezes, até de alunos de graduação em encontros como ISA (International Studies Association), LASA (Latin American Studies Association) e IPSA (International Political Science Review) representam uma crescente participação da comunidade acadêmica em encontros internacionais. No caso de integrantes brasileiros, há um número crescente de participantes que produzem duas leituras.

A primeira leitura, que gosto de fazer, é que a comunidade cresceu, que seus membros gostam de circular internacionalmente e que as grandes associações aceitam bem este comportamento. A segunda possibilidade é que as associações tenham sido mais generosas, ou menos duras, com o tipo de contribuição de seus programas. A primeira explicação é mais razoável. Quem frequenta estes eventos fica impressionado com o número de brasileiros apresentando trabalhos de excelente nível. O que temos é uma timidez natural de uma Academia que ainda tem seus problemas de internacionalização, inclusive no que diz respeito à integração de redes internacionais de pesquisa e produção na área.

Nos próximos dez anos ainda teremos uma visão mais sofisticada do que tem sido nossa comunidade. Ainda temos muitos projetos de pesquisa financiados por agências estrangeiras e projetos estrangeiros que tem participação de brasileiros. Talvez pelo crescimento da comunidade, ou porque os membros desta coletividade tenham circulado mais, os pesquisadores brasileiros tem uma maior participação nessas redes.

Espera-se que nos próximos anos essas redes frutifiquem. Contudo, hoje há uma debilidade numérica de publicações de brasileiros em revistas científicas no exterior. E o que é mais complicado é ter produção conjunta com pesquisadores estrangeiros em revistas de alto nível no

exterior. Todavia, esta é uma medida muito importante das “ciências duras” para os níveis de internacionalização de uma área ou programa e um indicador interessante para os veículos na área. Em contrapartida, uma medida bastante contraditória e um pouco assustadora é o número de revistas científicas na área de RI.

Estimei vinte, mas podem ser trinta ou trinta e cinco: são números que crescem tão rápido quanto decrescem. Podemos dizer que trazem resultados muito positivos ou negativos a depender da revista. Dentro dessas revistas temos, entretanto, duas revistas consolidadas com status superiores do Qualis na CAPES: Contexto Internacional da PUC Rio e a Revista Brasileira de Política Internacional (RBPI) editada pelo Instituto Brasileiro de Relações Internacionais.

Um ponto bastante interessante é que esse não foi um processo exclusivo de Relações Internacionais. Todas as áreas de conhecimento, conhecidas como “humanas”, têm um padrão de competitividade que inviabiliza a criação de revistas de segunda linha para facilitar a publicação de trabalhos de membros da comunidade. Acredito que isso não vale a pena no que se refere à circulação de conhecimento. Como a comunidade ainda é pequena, o número tem assustado.

Evidentemente que, se somarmos as vinte revistas científicas, o número de artigos publicados será de quatrocentos por ano e não há ciência que mereça tantas publicações por ano no Brasil. Também é possível que essas revistas tenham uma breve mortalidade, como é o caso dos cursos de graduação em circuitos *undergrounds*, alternativos.

Estas são revistas essencialmente paroquianas, voltadas para aquela comunidade. Isso não tem futuro e não é o que um pesquisador quer para a comunidade. Queremos um número

bom de revistas e que repercuta boa ciência e sirva de instrumento de treinamento científico. As revistas ruins não servem para isso, as revistas de certa qualidade estão se consolidando e assim podem se converter em espaços de qualidade para a repercussão de ciência para estudantes de graduação e pós-graduação, contribuindo, assim, para uma ciência de bom nível.

Uma revista que demonstra uma experiência louvável é a da PUC Minas, a Revista Fronteira. Deveríamos ter mais revistas como esta, pois a Fronteira é um instrumento para estudantes de graduação e recém-egressos.

Co relação ao mercado editorial, Saraiva e Elsevier tem coleções de RI dinâmicas e paradidáticas, que tem de certo modo baixa ou nenhuma repercussão científica. Mas, os professores trabalham com esses livros em nossa comunidade de graduação e tal iniciativa tem se mostrado interessante. Deste modo, há um estímulo para a criação de livros mais didáticos.

Há Também uma boa coleção de estudos monográficos. A Editora Fino Traço, por exemplo, tem uma coleção, em que são encontrados assuntos que nunca vamos estudar para uma prova. É uma tese de Doutorado premiada, um livro que resultou de uma pesquisa de muitos anos com elementos empíricos muito sofisticados, e que possui impacto na nossa agenda de pesquisa.

Há também uma editora em Curitiba, a Juruá, que tem um catálogo muito diversificado; da Fundação Alexandre Gusmão, que é o maior acervo em Relações Internacionais da América Latina, hoje. Esta fundação possui um catálogo em RI, que tem de tudo. O Ministro de Estado mandou publicar teses de doutorados com excelência como as de: Regina Soares de Lima, Letícia Pinheiro e Gerson Moura.

O campo de RI também se beneficiou de outros estímulos, como por exemplo, os Editais Gerais lançados todos os anos. Contudo, como o crescente número de pesquisadores com projetos financiados é muito recente e também o número de professores que receberam as bolsas de produtividade de pesquisa do CNPq, que é medida importante de amadurecimento das comunidades. Temos um número importante de pesquisadores de RI que receberam essa bolsa.

Como palavra final, para onde estamos indo? Para onde nossa comunidade está indo? O ensino de graduação tem se interiorizado e expandido por todas as regiões do Brasil. Contudo, ainda há grande concentração no Sul e no Sudeste, com pouca presença no Norte e Nordeste.

A segunda tendência foi à retração, a tendência do fechamento dos cursos por instituições particulares a partir dos anos 2000 e um aumento em universidades federais. Isso já se observa com um impacto dramático na comunidade nos próximos anos por um motivo sério. A entrada nas universidades federais acelera a crise no ensino e compromete a sustentabilidade dos modelos de negócio das instituições particulares, sobretudo as pequenas, por motivos óbvios.

Nem todas as instituições particulares tem a estrutura da PUC Minas. Entre estudar precariamente numa instituição paga e precariamente numa pública, é melhor a pública. Assim, a estabilização dos cursos de RI gira em torno de 100 programas. Não voltaremos a 130 e vejo como impossível chegar a 150 nos próximos dez anos.

A segunda consequência é muito importante para ensino e à pesquisa, pois juntas as pequenas comunidades se estruturam nas universidades públicas e começam a estabelecer programas de pós-graduação. Assim, nos próximos

anos teremos um crescimento exponencial nos cursos de pós-graduação. Onde há uma universidade federal com o curso de RI, em poucos anos há a tendência da criação de um curso de pós-graduação. No ano passado houve duas experiências do REUNI, o que afetará também a pesquisa e pós-graduação.

Gostaria de encerrar com um apelo. Vejo sempre novos estudantes e como a área de RI é importante para o Brasil. O país tem um potencial extraordinário e boa parte deste potencial pode se realizar exatamente em nossa interface com o mundo. O desafio das universidades é formar quadros que possam atuar na formulação de políticas com impacto internacional. E o apelo e convite que faço para os estudantes de graduação é que se integrem e busquem participar desse esforço para além da sala de aula e do que tem que estudar para a prova. Você pode se integrar e buscar a iniciação científica. Isso faz parte do mundo de RI. Isso tem a ver com o futuro de sua região, sua cidade, de certo modo de seu país e seu futuro profissional. Todos são muito bem vindos ao esforço de nossa comunidade.

Recebido em: 18/ 11/ 2014

Aceito em: 20/11/ 2014